

Um prédio e suas histórias

Tocar no nome do Brasília Palace Hotel, considerando o estado de abandono em que se encontra, provoca reações de tristeza e indignação em quem tem ligações fortes com Brasília, sua história, arquitetura e arte. O roubo dos azulejos de Athos Bulcão vem agravar esta situação. A assessora cultural da galeria Performance, Maria Luiza Lontra, que também é coordenadora de editoração e eventos especiais do IBPC (Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural), sente-se “muito triste com o abandono completo de uma obra de autoria de Oscar Niemeyer e um dos primeiros edifícios de Brasília”.

Elá destaca a importância do Brasília Palace não apenas como exemplo de arquitetura. “Mas também de afeto”. Conta que o hotel abrigou, desde a época da construção da capital, pessoas que vinham pela primeira vez a Brasília: “No segundo semestre de 1959, houve aqui um congresso internacional de críticos de arte. Gente de to-

da parte do mundo — entre artistas e arquitetos — se hospedou no Brasília Palace. Na ocasião, os Ministérios eram apenas estruturas. Custava-se a crer que ficassem prontos até abril”.

Este patrimônio, de acordo com Maria Luiza, deveria ser objeto de um cuidado especial. “Pena que as autoridades não tenham se dedicado a ele com mais amor”, diz, lembrando que as pessoas envolvidas com a cidade desde seu início sentem dor ao vê-lo em estado de deterioração. Ao enfatizar o valor da arte de Athos Bulcão, faz questão de frisar a dedicação deste artista pela cidade: “Ele deixou sua terra por Brasília”.

Escombros — A artista plástica e professora do Instituto de Artes da UnB, Marília Rodrigues, vê o Brasília Palace Hotel como um ponto marcante. E Athos Bulcão como o artista que fez as mais importantes obras relacionadas à integração da arte com a arquitetura no Brasil, e, provavelmente, no mundo.

“Quando se perde esta arquitetura e esta integração, perde-se um patrimônio nacional”, exclama Marília, para quem é difícil aceitar que Brasília — uma cidade jovem — tenha escombros em arte de tal importância. É categórica ao dizer que o painel de azulejos de Athos é uma obra que

não pode ser perdida: “É uma obra pública. Não se pode jogá-la no lixo ou em áreas particulares. Tem que ser cuidada”.

Desrespeito — O artista plástico e professor do Instituto de Artes da UnB, Douglas Marques de Sá, já criou “calo” em relação ao desrespeito, “prática que não se constitui em novidade no Brasil”. Contudo, em alguns casos, reage. Este é um deles — “há que ser exigida a recuperação total da obra arquitetônica e artística”, diz, ressaltando que o crime já foi feito e é preciso resarcir o patrimônio de Brasília contra um dano terrível como este.

José Marques, um pioneiro de 52 anos, mantém uma relação afetiva muito grande com o Brasília Palace Hotel. Após deixar o Exército, passou a trabalhar lá como servente, até chegar ao cargo de segundo caixa. Presenciou a euforia e a animação características do início de Brasília, entre os shows, as festas e os bailes de Carnaval do Brasília Palace. “Convivíamos com pessoas importantes”, diz, citando Fidel Castro, Eisenhower, Juscelino Kubitschek, D. Sarah e João Goulart.

Hoje, Marques é funcionário da Terracap. (MSS)